

EFETIVA MICRO PARTICIPAÇÃO NA SOCIEDADE ENTREVISTA COM O RUBRO OBSCENO

Elisângela dos Santos Rosa¹

O Rubro Obsceno, formado pelas atrizes Leticia Olivares e Stela Fischer, iniciou sua trajetória na cidade de São Paulo em 2013. Trabalham com teatro, performance, ativismo, ações formativas, workshops, sempre com temática feminista. As duas artistas se encontraram no Vértice Brasil ²(uma das edições brasileiras do Magdalena Project). Dentre os trabalhos já realizados pelo Rubro Obsceno estão o Projeto ++Mulheres, [des]velhecer, Em si mesmas, O que te prende mulher?, Eu abortei, Tapete Manifesto, Para Aquelas que não mais Estão, Mulheres Possíveis, Lecture Performance O que te prende mulher? E outras histórias do Rubro Obsceno e Ocupação Mulheres, Performance e Gênero. No dia 23 de dezembro de 2019 eu e Francisco Gaspar Neto, fomos gentilmente recebidos na casa de Stela Fischer, em Curitiba, para a realização dessa entrevista. Meu objetivo com esse encontro é uma aproximação ao Rubro Obsceno para compreender como se articulam as funções no trabalho prático, como se estabelecem as relações entre os criadores na sala de ensaio e como escolhem seus procedimentos de criação para que cada artista envolvido possa expressar sua alteridade compartilhando com todos sua diferença e sua perspectiva. Durante a nossa conversa pude testemunhar que é realmente possível construir um trabalho potente e efetivo respeitando alteridades.

287

PALAVRAS-CHAVE: Processo colaborativo; alteridade; cena contemporânea; feminismo

1 Aluna do Mestrado Profissional em Artes (PPGARTES), da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Linha de Pesquisa: Modos de conhecimentos e processos criativos em arte. E-mail: janjah@uol.com.br

2 O Projeto Vértice Brasil é uma iniciativa que visa ampliar e sedimentar uma versão brasileira para o Projeto Magdalena (The Magdalena Project), uma rede internacional de mulheres de teatro contemporâneo, que foi criado em 1986 pelas atrizes Julia Varley, do OdinTeatret e Jill Greenhalgh, do Cardiff Theatre Laboratory, com o intuito de realizar o intercâmbio entre mulheres que trabalham e pesquisam em artes cênicas.

Vocês acham possível a construção de um trabalho sem hierarquia?

Leticia: Acho que sim. É exatamente isso que a gente faz, a gente se dirige, a gente pesquisa juntas, chama outras pessoas para trabalhar com a gente, tivemos um trabalho com a Violeta Luna³, que foi também um trabalho sem hierarquias porque fizemos efetivamente juntas cada passo da encenação.

E esse convite, como se dão essas relações? Ela (Violeta Luna) veio como atriz, como diretora, como vocês negociam essas funções?

Stela: Gostaria de falar um pouco sobre hierarquia antes. Eu acho que é como se ter uma postura ideológica, de vida. Nós não conseguimos com esse trabalho, que é muito autoral, da nossa própria feitura, não tinha como ser diferente. Se a gente trabalha com outras pessoas, não no Rubro Obsceno, mas por exemplo, a Leticia vai dirigir outro grupo com outras relações, a gente consegue estabelecer, se encaixar, se adaptar a formas mais hierárquicas. No trabalho do Rubro essa sempre foi a perspectiva. Tanto a Leticia como eu temos pesquisas sobre esses processos de teatro de grupo, então sempre foi muito aberto, não existe, de fato, nenhuma hierarquia. Há algum trabalho que a Leticia acumula alguma função, como produtora, por exemplo, porque ela tem elaborado projetos para encaminhar para editais, mas todas as decisões são muito divididas.

Leticia: A gente conversa muito sobre todas as decisões, os encaminhamentos, então realmente a gente exerce todos os papéis. E em relação ao convite para a Violeta, ela não chegou como diretora nem nada, ela chegou para trabalharmos juntas.

Stela: Nesse caso nós tínhamos verba, tínhamos o chamamento de um Festival (II Bienal Internacional de Teatro da USP), e eles tinham a temática do feminicídio. Então pensamos, quem é a pessoa que gostaríamos de trabalhar hoje? E já tínhamos contato com a Violeta. E daí a convidamos pra criar esse trabalho pra esse Festival.

Esse trabalho é uma performance e ele aconteceu num teatro, vocês o fazem até hoje?

³ Violeta Luna é atriz, performer e ativista mexicana, radicada nos EUA. O trabalho a que a artista Leticia Olivares se refere é a ação cênica “Para Aquelas que não mais Estão” (2015), que Stela Fischer define como “uma denúncia poético-cênica da violência contra as mulheres” em sua tese de doutorado “Mulheres, Performance e Ativismo: a ressignificação dos discursos feministas na cena latino-americana”. O trabalho é sobre o feminicídio

Stela: Temos replicado ele desde dezembro de 2015. Estreou em 13 de dezembro de 2015. Ele pra ser realizado com a Violeta, ele é um trabalho caro, porque ela vem de San Francisco, então nós três juntas só apresentamos em contexto de Festival, principalmente festival internacional que tem condições de colocar as três juntas. Agora a gente vai pra Cuba em maio (isso antes da pandemia do novo Corona vírus).

Leticia: Também temos a formação para apresentar em dupla, então eu e a Violeta já fizemos em dupla na Colômbia, em Bogotá, e a Stela e a Violeta fizeram no Chile.

Stela: E a Violeta faz sozinha também esse trabalho. A gente já criou pensando em uma performance coringa.

E esse trabalho poderia ser feito por uma outra pessoa qualquer, por uma outra mulher qualquer que se interesse por ele?

Leticia: A Violeta vem promovendo participações de outras mulheres, não necessariamente atrizes, em suas apresentações individuais. E também acho que, a partir do nosso roteiro, seria possível outras mulheres montarem a performance. Inclusive, pensando em representatividade, queremos muito que uma atriz negra – principalmente da América Central, onde os índices de feminicídio são altíssimos também – se junte a nós com novas ações e textos sobre a realidade de seu país.

289

Vocês só trabalham com temática feminista?

Stela: Por enquanto, sim.

Leticia: Eu acho que é sobre a mulher, o feminismo está intrínseco em nós, então é muito difícil distanciar esse tema. A temática da mulher é o que nos uniu e é o que nos move atualmente.

E antes de vocês se conhecerem, os trabalhos anteriores que vocês realizaram, eram também sobre mulheres?

Leticia: Eu comecei a fazer teatro muito nova, eu tinha 12 anos, eu estudava num colégio de freiras, só de mulheres. E com 13, 14 anos, a minha primeira peça, já era feminista. Eu estreei com um grupo amador, minha diretora era feminista, apesar de ela nunca ter se nomeado feminista. Eu fiquei com ela anos, ela foi um modelo pra mim, como uma mulher que realmente estava à frente do seu tempo, lutava por todos os direitos e tudo mais. Minha primeira peça já foi uma peça feminista, falava sobre a mulher, oprimida, que

não saía pra trabalhar, ou largava o trabalho pra cuidar dos filhos... chamava-se “Temer o medo”. Isso marcou minha vida, pro resto da minha carreira, mas nunca foi uma coisa consciente sabe, por isso que eu coloquei como intrínseco, porque já fazia parte de mim. Eu nunca me coloquei numa situação em que eu estivesse trabalhando com um texto opressivo pras mulheres. Quando eu encontro a Stela foi uma parceria automática, porque ela já trabalhava com essa temática e eu não tão claramente, mas de certa forma sim, minha vida toda foi permeada pelo tema.

Vocês se conheceram no Vértice em 2010, e nos trabalhos anteriores a essa parceria, alguma vez vocês se sentiram oprimidas nas relações de criação nesses processos?

Leticia: Eu não, porque como eu te falei, eu trabalhei com essa diretora muitos anos. Eu tinha na minha frente uma liderança muito forte e eu mesma era liderança dentro do grupo, então mesmo quando eu trabalhei com outros grupos, eu sempre me senti muito empoderada. Eu não me senti oprimida no sentido do machismo, mas na questão trabalhista já me senti muitas vezes.

Stela: Quando a gente se conhece, em 2010, eu já tinha um grupo em São Paulo chamado Magna Mater – que trabalhava com as questões das mulheres. A Leticia, quando a gente começou a trabalhar, iniciamos no Magna Mater, eu a chamo pra compor o trabalho na Ecos⁴, com mulheres HIV soropositivas, nesse comecinho era o Magna Mater ainda. O Magna Mater surgiu no ensejo da comemoração dos 60 anos de “O Segundo Sexo” da Simone de Beauvoir, em 2009. Fizemos uma série de eventos em São Paulo, na Casa das Rosas. Participamos, eu e a Renata Araújo, da exposição “Mulheres do Planeta”, do Titouan Lamazou, na Oca. Uma exposição fotográfica com a temática das mulheres, seguidos de um “café leitura”. Estávamos fazendo um estudo aprofundado de “O Segundo Sexo”, foi um ano que ficamos trabalhando em cima da obra da Simone de Beauvoir. Eu já estava inquieta com as temáticas das mulheres, já estava numa pesquisa, já estava encaminhando meu processo criativo e de pesquisa pessoal para as temáticas das mulheres. Antes disso, sempre trabalhamos com outros tipos de grupo. Por exemplo, aqui em Curitiba eu tive

4 Ecos é uma organização não governamental criada em 1989, em São Paulo, para desenvolver atividades de informação, defesa dos direitos sexuais e reprodutivos, pela erradicação das discriminações relacionadas a gênero e sexualidade, em especial das populações mais vulneráveis.

relação só com diretores homens, professores homens, e isso se deu de uma forma mais hierárquica, por volta dos anos 1990. Quando eu saio de Curitiba pra continuar pesquisando teatro de grupo é que eu entro em contato com processos colaborativos⁵. Com os grupos Lume (Campinas) e a Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz (Porto Alegre). Na pesquisa, percebi que mesmo dentro desses processos mais democráticos de criação, ainda havia uma presença muito forte desse diretor homem. Então a continuidade da minha pesquisa de mestrado era de alguma forma, não mapear, mas entender, me contaminar pelos processos criativos das mulheres criadoras. E eminentemente quando eu fui pra esse caminho, eu caio numa areia movediça que é: em contextos de mulheres criadoras cada vez mais as hierarquias estão menos estabelecidas, menos claras, digamos assim. É óbvio que existe o contexto dos editais, por exemplo o Edital de Lei de Fomento de São Paulo, que já hierarquiza, ele coloca o salário de direção diferente do de dramaturgia. Tem um produtor que encabeça 10% ou mais do valor do teu projeto, então já há uma relação de corporação ali, por mais democráticos que eles sejam. Mas no tête-à-tête, na sala de ensaio - e nas relações interpessoais de grupos que são coordenados por mulheres, eu acho que existe um olhar que se torna cada vez mais poroso.

Leticia: Essa horizontalidade acho que é uma necessidade mesmo da relação estabelecida num projeto de afeto, confiança e rede, sustentabilidade para o fazer, para o caminhar, para a promoção não só minha como de todas. É uma filosofia mesmo, uma forma diferente de condução, de poder, de estar no mundo e de objetivos a serem alcançados.

E como vocês se encaixam no mercado, fazendo um trabalho autoral, ideológico?

Leticia: As brechas vão surgindo pelo próprio caminhar, pela própria construção de um caminho que é marginal muitas vezes, que não está no foco midiático, ou no foco até do entretenimento mesmo, porque a gente foge dessa característica. Particularmente eu sinto que as coisas vão se dando, acontecendo mesmo. Eu fui chamada, por exemplo pra participar de uma outra peça, isso foi em 2014, chamada “Insubmissas - Mulheres nas ciências”, de um grupo muito sólido aqui de São Paulo, o Arte Ciência no Palco (ACP). E eu

⁵ A pesquisa a que a artista se refere é para sua dissertação de mestrado intitulada “Processo Colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras nos anos 90” publicada pela Editora Hucitec.

falei nossa, parece que atrai, porque é de um grupo muito masculino em que as mulheres desse grupo realmente queriam um trabalho que tivesse a cara delas, e aí precisavam de mais uma atriz e me chamaram. Então, eu sinto que as coisas vão aparecendo, e é lógico, tem muita dificuldade financeira... a Stela é professora, tem uma atividade paralela, eu faço revisão de textos, eu sou formada em Letras. Pra mim não vejo muito dilema, a coisa vai se dando. Agora o último trabalho, o “Mulheres Possíveis”, que é um trabalho que começou na Penitenciária Feminina da Capital (PFC) paulista está se desenrolando de uma forma bem interessante, é muito próximo assim de uma vontade, uma utopia, uma questão ideológica, de pensar o mundo e ao mesmo tempo estamos conseguindo apoio, patrocínio, mesmo que pontual ou estendido, a coisa está acontecendo. Então eu acho que a escolha vai determinando o acontecimento.

Stela: E também, não há divisão entre as funções. Por exemplo, o exercício de professora, artista, ativista, pesquisadora estão colados. Tanto minha pesquisa de doutorado como a de pós-doutorado agora, estão imbricados a docência, meu trabalho com a Leticia, até mesmo minha relação como mãe. Claro, temos as atividades que nos sustentam, ou a docência, ou a bolsa de estudos, a Leticia também tem mestrado na USP, então nesses momentos em que estamos vinculadas com as instituições, estamos recebendo bolsa, é uma produção, seja de conhecimento, ou de cena, que está junto. Aí tem uma coisa, por exemplo, a característica do Rubro - que é trabalhar com a temática das mulheres. E este mês de março - é uma loucura pra gente - porque temos muita demanda de trabalho, é o mês que a gente mais trabalha no ano. Principalmente no Sesc, os Sescs nos convidam pra fazer atividades. Vamos fazer uma atividade agora no Sesc Paulista, no mês de março, nosso projeto intitulado [des]velhecer, com mulheres idosas.

E como é para vocês dar voz para essas mulheres?

Leticia: A gente não gosta do “dar voz”, porque cada uma tem sua própria voz. Eu acho que é muito mais uma parceria para a visibilização, no sentido de que nós temos alguns instrumentos cênicos que facilitam a exposição de uma voz que já existe. O próprio [des]velhecer a gente começou achando que ia ser uma coisa um pouco mais assim de “ai, envelhecer é ruim, envelhecer é difícil”, e quando a gente conseguiu fazer esse trabalho com mulheres mais velhas, foi totalmente outra coisa, foi uma celebração, uma vontade

de afirmação, no sentido de “eu sei o meu papel, eu sei o que eu posso e eu quero cada vez mais”. Então, não existe também hierarquia nesse sentido. A gente tenta que seja uma relação de troca de conhecimento, de parceria, e que a coisa aconteça realmente, no nível de uma construção coletiva. É real, não é simplesmente uma utopia.

Stela: E tem uma outra coisa que a gente começou a trabalhar e foi se dando conta com os projetos - que é a questão do anonimato que sempre tem permeado o nosso trabalho. Por exemplo, o primeiro grupo que a gente trabalhou, muitas mulheres não queriam revelar suas identidades, porque tinham uma doença terrível, que estigmatiza essas vidas. Fizemos sempre em contexto fechado, anônimo. O Rubro surge nesse momento da pesquisa de trabalhos que não são realizados apenas para entrar em cartaz, não é pra amigo ir ver, é o que está acontecendo ali. Isso que a Lê fala dessa criação de afetos, que é uma palavra que meio está na moda agora também né; afetar, transmissão de afeto... a gente foi aprendendo na prática com esses grupos de mulheres todas. O projeto Rumos, o surgimento dele, do “Mulheres Possíveis”, era um trabalho voluntariado. Nós íamos para a penitenciária fazer um trabalho voluntário com essas mulheres, também tinha o contexto do anonimato. Nós temos esse cuidado, porque trabalhamos com vidas.

293

Essas mulheres elaboram e dão forma à experiência delas através de uma cena, de uma peça de teatro?

Stela: É muito livre, não necessariamente. Não é um ritual psicopedagógico, é um ritual de existência. O que elas vão colocar é muito livre, de acordo com as biografias, de acordo com as vivências, mas como elas vão fazer isso - é tudo conduzido com muita liberdade.

E vocês utilizam alguma técnica específica para a condução desse trabalho?

Letícia: Na questão do “Mulheres Possíveis” a gente foi trabalhando... eu trabalho com mais três mulheres de um coletivo chamado Dodecafônico. Então nós criamos uma metodologia que é baseada na minha experiência, que é mais teatral, na experiência performativa de uma das integrantes (Beatriz Cruz), a outra tem um trabalho vocal mais aprofundado (Sandra Ximenes) e a outra é um trabalho de artista visual (Vânia Medeiros). Então nós mesclamos essas quatro experiências numa metodologia totalmente nova, não tem um formato pré-estabelecido. A gente foi criando esse formato na parceria entre

nós e na aplicação com elas. Isso desde 2016 quando a gente foi a primeira vez lá na PFC (Penitenciária Feminina da Capital). Eu acho que já no workshop que produzimos no Projeto [des]velhecer e no próprio “Corpos Manifestos”, estabelecemos mesmo um plano de aula, um plano de trabalho - que lógico, existe uma mobilidade dentro da sala de aula, mas funciona muito como elaboramos conjuntamente. Isso também acontece, eu acredito, devido as ligações de empatia, afeto e objetivos comuns. A gente tem um plano de trabalho que é baseado em metodologias de vida, pesquisas mesmo, pois também somos pesquisadoras do fazer cênico.

Stela: Nós não temos uma metodologia fixa, rígida, ela vai se compondo de acordo com o que a gente está trazendo, ou pela própria temática - Por exemplo, “Para Aquelas que não mais Estão”⁶ foi algo totalmente diferente que criamos com o Rubro. Cada trabalho não se encerra em si... Você até tinha enviado algumas perguntas, uma era sobre o biodrama, nós temos contato com a Vivi Tellas, mas não é “vamos seguir esse método e esse é o método do Rubro”. A gente vai fazendo essa costura.

Leticia: Até o contrário né Stela? Eu diria que é uma coisa que foi intuída por nós de como fazer e daí nós achamos o biodrama como alicerce, mas aquilo já estava intuitivamente acontecendo na nossa aplicação. E o biodrama só veio assim, “olha que legal, alguém já faz isso só que de uma forma mais estruturada”, então a gente foi lá consultar. E eu acho importante falar também que a nossa participação na Rede Magdalenas é muito inspiradora, porque todas aquelas mestras, nós participamos de oficinas, cursos com elas e elas também têm metodologias que já aplicam mundialmente há muito tempo e que também são permeadas do momento presente, do tipo de público que elas estão atendendo, de que país elas estão, coisa que vai agregando conhecimento, vai agregando sutilezas pra essas metodologias que vão também grudando na gente e aí vamos remodelando, reaplicando e descobrindo outras formas daquilo acontecer. Então eu acho que tem uma importância aí dessa herança que é construída por mulheres que não tem medo de passar o seu conhecimento.

6 “Para Aquelas que não mais Estão” é um trabalho realizado pelo Rubro Obsceno em dezembro de 2015, na II Bienal Internacional de Teatro da USP e replicado até hoje. É uma denúncia poético-cênica da violência contra as mulheres.

E como é para vocês ser um coletivo de duas?

Letícia: A gente sempre quis que o Rubro fosse um guarda-chuva, que a gente agregasse pessoas, que a gente pudesse ter uma mobilidade nessa conformação, essa característica faz com que a gente não seja só um duo.

Stela: Essa ideia original do coletivo era que outras pessoas de outros grupos pudessem entender o Rubro como um ponto de encontro, algumas vinham de teatro com diretores homens, trabalhavam outras temáticas, mas que no Rubro a gente criasse um coletivo que trabalhasse com a temática das mulheres e a cena contemporânea. A gente começou com treze mulheres, daí foi para nove, aí foi para cinco, aí três e agora duas.

E teve algum homem já trabalhando com vocês?

Stela: Não, e nem mulher trans, ainda não trabalhamos essa temática.

E vocês os convidariam para realizar um trabalho?

Letícia: Sim, sem problemas.

Stela: Homens trabalham com a gente, como o Roderick Steel, o videoartista que criou os nossos vídeos de “Para Aquelas que não mais Estão”, por exemplo.

Letícia: Não vejo nenhum problema, acho que a gente nunca falou tão claramente sobre isso, mas não vejo nenhum problema.

Na sua tese de doutorado Stela você fala do trabalho do Lume e que em determinado momento as atrizes do grupo preferiram trabalhar e construir um projeto só entre elas, separadas dos homens, você pode falar um pouco sobre isso?

Stela: Chegou um momento em que elas precisaram experimentar isso, e elas criaram um trabalho só entre elas, sobre as mulheres moradoras de rua. O espetáculo é “Um dia...”, mas elas trabalham com os homens também.

Você pesquisou o trabalho dos grupos com processos colaborativos, as experiências das companhias teatrais brasileiras nos anos 1990/2000 em sua dissertação de mestrado. Como você acha que aconteceu essa transformação hierárquica nas relações dentro dos grupos, essa relação mais transversal? Porque quando eu comecei a fazer teatro aqui em Curitiba, nos anos 1990 - ainda não havia

esse movimento, mas relações bem definidas de poder do diretor e do autor, em sua grande maioria homens. Você acha que isso acontece em decorrência de uma transformação na sociedade?

Stela: Acho que sim, tem uma transformação aí evidente. Eu lembro que entrei na pesquisa do doutorado em 2013, terminei em 2017, nesses quatro anos de pesquisa mudou muita coisa. Falar de feminismos em 2013 tinha um pejorativo, em 2017 a luta. Há sim uma transformação, há um lugar que também é moda, falar sobre negritude, branquitude, processos identitários, feminismos, minorias, então são todas essas temáticas que estão na ordem do dia. É como há uns cinco anos atrás, dez anos atrás falar de performatividade, e há uns vinte anos atrás falar de processos colaborativos. São essas ondas de interesse da pesquisa e do fazer artístico de um modo geral. Mas de qualquer forma, há uma mudança sim, dá pra ver até na corporeidade, no posicionamento ideológico dessas jovens meninas, eu tenho uma afilhada de 19 anos e é incrível como ela está permeada por todos esses saberes...as lutas LGBTQI, acho que tem uma temática da ordem do dia aí, então acho que tem uma transformação sim. Sobre os processos colaborativos dos anos 1990, houve uma mudança que foi uma conquista da dinâmica dos trabalhos que exigiam uma horizontalidade dos meios de criação e produção, ou como você fala, meios transversais. O processo colaborativo tornou-se uma tendência, com herança na criação coletiva dos anos 1970. Poderíamos ficar um longo tempo conversando sobre teatro de grupo, há muito o que falar.

296

Leticia: Eu acredito muito nessa conquista de espaço de pautas necessárias na sociedade que vão ganhando visibilidade, de tanto que a gente grita, de tanto que a gente se coloca e fala que é importante que isso seja conversado. Não sei nesse governo agora, a gente já tem um aperitivo de como está sendo essa visibilidade...

Esse governo me parece ser também uma reação a essas conquistas.

Leticia: Não é questão de otimismo, mas eu acho que não tem volta, sabe, é um espaço conquistado sim e ninguém vai recuar. A tendência eu acho que é cada vez ter mais diversidade, formas de pensar fora de um padrão, por mais que a sociedade brasileira

tenha demonstrado que é o que ela gostaria de manter, é impossível, nos tempos de hoje você não olhar pra esses trabalhos, pra essas pessoas, essas questões, que são realmente muito sérias.

Eu queria só colocar em questão porque pareceu um pouco pressuposto para nós pesquisadores, mas não é espaço conquistado exatamente, se a gente pensar que aí existiria um espaço já dado que a gente vai lá e tenta, tenta, um lugar...a gente podia pensar em espaço desdobrado de certa forma, a gente desdobra a percepção do espaço, acho que isso é importante pra nossa pesquisa, é pensar que as pautas identitárias elas não são só tentativas, que senão recai na mesma questão de “dar voz”. Não é só a tentativa de aparecer num espaço que já é recortado, mas é desdobrar, é rebater esse espaço e produzir outras realidades nesse espaço que não são aquelas já dadas, como possibilidade... porque senão parece que a gente tem que dançar um pouco a dança que já está proposta para poder aparecer, e não me parece que é isso⁷.

Leticia: Eu acho que a nomenclatura realmente tem que ser revisada, muitas vezes a gente acaba falando de conquista, um discurso um pouco ultrapassado até pela semântica. Uma coisa que me suscita esse pensamento, desses espaços desdobrados, a gente não pode também se conformar com editais, por exemplo, que são voltados pra esse tipo de temática, permear de várias formas. E é muito difícil, por exemplo, o “Para Aquelas que não mais Estão”, é um projeto “xodozinho” nosso - que já enviamos pra vários editais, tentando fazer nas periferias, tentando fazer onde efetivamente essa violência contra a mulher é mais clara. Sabemos que acontece em todos os níveis sociais, mas onde aquilo está mais latente. E não conseguimos, é incrível. E a gente estreou no TUSP (Teatro da USP), em Higienópolis - então concordo plenamente, temos que desdobrar esse leque de ocupação de uma forma menos hierárquica.

Stela: E há esse contexto de conquista também. As transformações estão acontecendo. E para se chegar nesse lugar é devido às inúmeras manifestações de modos de existência. Assim, podemos localizar a construção do pensamento contemporâneo, os pós-coloniais, os decoloniais aqui na América do Sul, então o quanto isso também vai

⁷ Essa questão foi posta por Francisco Gaspar Neto, que nos acompanhava na entrevista. Francisco é ator, diretor, professor do programa de Mestrado Profissional em Artes – PPGARTES da Unespar e pesquisa estratégias de criação coletiva e políticas de convivência.

criando, vai acimentando esse chão pra que a gente possa fincar os pés. E não surge do nada, surge exatamente de um momento no mundo em que de repente você tem até espaços mais democráticos como formas de governo como aconteceu em vários países e agora há de novo essa volta aos autoritarismos e disciplinamentos, essa nova dobra, é uma dobra que se dobra em si - e então a palavra conquista ela pode entrar num lugar contraditório inclusive. A conquista nossa, das mulheres, é um processo de transformação, é um processo de estar no mundo, não é só uma conquista, não é um processo revolucionário que acontece da noite para o dia e isso em todas as pautas que estão urgentes, ou que estão vibrando.

E como vocês escolhem, decidem que forma a obra vai ter, já que vocês trabalham com teatro, performance e ativismo? Por exemplo, o trabalho “Eu abortei” acontece na rua, no dia de luta pela descriminalização e legalização do aborto no mundo, o “Para aquelas que não mais estão” no teatro...

Leticia: “Eu abortei” é um trabalho da Stela que surgiu numa oficina da Violeta Luna, no Vértice de 2012. Nós vamos estabelecendo no campo de trabalho mesmo, a gente tem um lado de pesquisa teórica, mas a gente se força muito ir pra sala e ficar trabalhando e aí as formas vão se configurando. E a escolha de onde vamos apresentar também vem da oportunidade, por exemplo, vai ter o 8 de março, vai ter a manifestação na Paulista, então vamos pra lá.

Stela: Nesse momento que criamos “O que te prende mulher” e o “Eu abortei” - foi um momento do Rubro que percebemos que estávamos falando de ativismo e estávamos numa sala? Vamos pra rua? É um momento que a gente quer conhecer esse trabalho do Rubro no ensejo da rua. As oportunidades surgem, mas se a gente não estiver no campo do interesse e da atenção isso passa despercebido. Então, fomos experimentar as ações pra rua. São trabalhos que, por exemplo, “O que te prende mulher”, apresentamos várias vezes, nossa é muito bonito esse trabalho, realmente é uma criação de rede de afeto com essas mulheres. Ativismo, performance, teatro, tudo junto, e esses dois trabalhos a gente quis testar como intervenção na cidade. Então acho que vai girando muito em torno do interesse do momento, no que estamos encaminhando como pesquisa.

Leticia: O “Para aquelas que não mais Estão” a gente fez no teatro, mas é um projeto que a gente vislumbra levar pra rua.

Stela: Esse é um dos nossos objetivos para o próximo ano, entrar em sala de ensaio e rever os nossos materiais, fazer esses rearranjos. Estamos pensando também uma nova criação, mas está ainda muito no campo das ideias, dos desejos.

Eu quero agradecer a disponibilidade, por compartilharem o trabalho do Rubro com a gente.

Leticia: É muito bom que essas oportunidades dão pra gente a chance de rever uma trajetória, de pensar no futuro também, e se orgulhar mesmo, porque tem sido uma construção, uma parceria que vem se solidificando e realmente tem dado frutos no sentido de uma efetiva micro participação na sociedade. Eu tenho descoberto cada vez mais a importância da micropolítica, e estar junto com a Stela, uma pessoa que eu admiro, que tem um estofo de vida, de trabalho, me dá a coragem e a vontade de continuar realizando, continuar fazendo.

AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grata por ter podido realizar essa entrevista com o Rubro Obsceno. Essa última reflexão da Leticia, sobre a micropolítica, sobre essa efetiva micro participação na sociedade, nos coloca diante da potência que o teatro tem. Essa conversa foi extremamente elucidativa para a minha pesquisa, ouvir um pouco da experiência dessas artistas, entender como elas articulam o trabalho artístico com a pesquisa, como o modo de ser e estar acaba transbordando no trabalho, foram fundamentais para refletir sobre a cena contemporânea, sobre processos transversais e alteridade. Entender a forma como elas arranjam e ordenam seus processos de modo nada hierárquico, como criam redes de confiança e afeto, sem estar presas a nenhuma metodologia fixa, sem redução de nenhuma perspectiva, mas sim ampliando experiências num trabalho de hiper-conexão entre elas e com o mundo. O recorte de mundo que recebemos dos trabalhos por elas realizados tem a força e a potência da multiplicidade da vida. Em um momento da entrevista a Leticia fala das metodologias apreendidas juntamente com as mestras da Rede Magdalenas, ela diz: “mulheres que não tem medo de passar seu conhecimento”. E é exatamente assim

que vejo a generosidade com que vocês compartilham o conhecimento e a experiência do Rubro Obsceno, e isso nos impulsiona a continuar criando e pesquisando. Tendo como referência esse movimento corajoso que vocês têm realizado no teatro brasileiro.